



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PEDRO PAULO DE ARAUJO SANTOS

**Entre-lugares: o ritual da viagem acadêmica registrado nos agradecimentos dos
TCCs de Licenciatura em Ciências Sociais na primeira década de existência do curso no
IFG campus Anápolis**

ANÁPOLIS
Março de 2025

Pedro Paulo de Araújo Santos

**Entre-lugares: o ritual da viagem acadêmica registrado nos agradecimentos dos
TCCs de Licenciatura em Ciências Sociais na primeira década de existência do curso no
IFG campus Anápolis**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Anápolis, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Profº Drº Sandro de Oliveira Safadi

ANÁPOLIS

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SANTOS, Pedro Paulo de Araujo

S237e Entre-lugares: o ritual da viagem acadêmica registrado nos agradecimentos dos TCCs de Licenciatura em Ciências Sociais na primeira década de existência do curso no IFG Campus Anápolis./ Pedro Paulo de Araujo Santos. – Anápolis: IFG, 2025.
42 f.

Orientador: Prof. Dr. Sandro de Oliveira Safadi.

Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Anápolis – Licenciatura em Ciências Sociais, 2025.

1. Etnografia de documentos. 2. Ritual de passagem. 3. Malha liminar. 4. Agradecimentos. 5. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

I. SAFADI, Sandro de Oliveira (orient.).

II. Título.

CDD 378.198

PEDRO PAULO DE ARAÚJO SANTOS

**Entre-lugares: o ritual da viagem acadêmica registrado nos agradecimentos dos
TCCs de Licenciatura em Ciências Sociais na primeira década de existência do curso no
IFG campus Anápolis**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Áreas Acadêmicas do Instituto Federal
de Goiás – IFG – Câmpus Anápolis, como parte das
exigências do curso de Licenciatura em Ciências Sociais
para obtenção do título de licenciado em Ciências
Sociais.

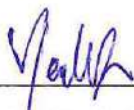
Aprovado em 02 de abril de 2025.



Sandro de Oliveira Safadi
Prof. Orientador
IFG – Câmpus Anápolis



Andréia Farina de Faria
Profa. IFG – Câmpus Anápolis



Neville Julio de Vilasboas e Santos
Prof. IFG – Câmpus Anápolis



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor:

Matrícula:

Título do Trabalho:

Autorização - Marque uma das opções

1. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Ana Paula 06 / 05 / 22
Local Data

Pedro Paulo de Araújo Gomes

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

RESUMO

Este trabalho resulta de uma solicitação do Laboratório de Ciências e Humanidades do IFG – Campus Anápolis para reunir os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) da primeira década de existência da Licenciatura em Ciências Sociais na instituição. A partir dessa reunião, os agradecimentos emergem como fio condutor de uma etnografia documental, revelando-se não apenas como registros formais, mas como expressões afetivas que evidenciam um rito de passagem acadêmica. É nos agradecimentos que se manifesta a malha liminar: um tecido de relações formado por familiares, amigos, professores e orientadores, sem o qual a travessia do estudante entre a formação e a conclusão do curso não se concretizaria. O conceito de Entre-Lugares surge da percepção de que essa transição não é estática, mas um movimento contínuo, em que o estudante percorre diferentes conexões até alcançar seu propósito. Utilizando os agradecimentos como mapa e reflexo dessa jornada, trago também minha própria experiência, entrelaçando-a com as trajetórias daquelas que me antecederam ao longo dessa década. Com todos os trabalhos já reunidos, reforço a importância de tornar esse arquivo acessível ao público, permitindo que futuros estudantes se inspirem e reconheçam nos agradecimentos não apenas um fim, mas parte essencial do processo ritualístico vivido por seus antecessores.

Palavras-chaves: etnografia de documentos. Ritual de passagem. Malha liminar. Agradecimentos.

ABSTRACT

This work is the result of a request from the Science and Humanities Laboratory of IFG – Anápolis Campus to gather the Final Course Papers (TCCs) from the first decade of the institution's Bachelor's Degree in Social Sciences. From this gathering, the acknowledgements emerge as a guiding thread of a documentary ethnography, revealing themselves not only as formal records, but as affective expressions that evidence an academic rite of passage. It is in the acknowledgements that the liminal network manifests itself: a fabric of relationships formed by family, friends, teachers and advisors, without which the student's journey between training and completion of the course would not be possible. The concept of Between-Places arises from the perception that this transition is not static, but a continuous movement, in which the student goes through different connections until reaching his or her purpose. Using the acknowledgements as a map and reflection of this journey, I also bring my own experience, intertwining it with the trajectories of those who preceded me throughout this decade. With all the works already gathered, I reinforce the importance of making this archive accessible to the public, allowing future students to be inspired and recognize in the acknowledgments not only an end, but an essential part of the ritualistic process experienced by their predecessors.

Keywords: document ethnography. Ritual of passage. Liminal mesh. Acknowledgements.

Sumário

RESUMO	4
ABSTRACT	5
Ponto de partida	7
Em meio a papelada, a busca pelos TCCs esquecidos.	10
A Construção do Campo nos Documentos.	15
Ritos e registros.....	19
Malha liminar, linhas e travessias: A viagem acadêmica como experiência Liminar	23
Mapas da gratidão: Os agradecimentos como marcas da viagem.	27
Considerações Finais.....	34
Referências.....	38

Ponto de partida.

O curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Anápolis completou dez anos de existência em 2024. Sinto-me orgulhoso e feliz por fazer parte dessa história. Iniciei minha jornada acadêmica em 2018, um período de intensas transformações políticas e sociais no Brasil. Ao longo desses anos, passei por desafios e amadurecimento intelectual, mas por muito tempo não tinha uma perspectiva clara para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Foi apenas há um ano que recebi um convite que mudou essa trajetória: o Professor Dr. Sandro Oliveira Safadi, coordenador do Laboratório de Ciências e Humanidades, propôs que eu reunisse todos os TCCs produzidos na primeira década do curso. O objetivo era organizar e consolidar um acervo, permitindo que essa produção acadêmica se tornasse mais acessível e visível.

Esse encargo não apenas me ajudou a definir um tema para meu trabalho, mas também ampliou minha percepção sobre a diversidade e a riqueza das investigações desenvolvidas no decorrer do curso. Desde os primeiros períodos, a antropologia teve um impacto profundo em minha formação, e essa experiência consolidou minha decisão de realizar uma etnografia em minha pesquisa.

Recebi um referencial teórico de início com mais ou menos uma dúzia de autores. Esse direcionamento teórico foi essencial em minha pesquisa. A partir dessa leitura, cheguei a etnografias fundamentais para o desenvolvimento de minha escrita. O incentivo se dá pelo fato de tanto os autores que li, que ampliaram minha compreensão teórica e metodológica, quanto ao meu processo de orientação, que me desafiaram a experimentar e construir minha escrita de forma dinâmica. Foi nesse diálogo constante entre teoria e prática que a etnografia se tornou uma direção para compreender e narrar a experiência acadêmica.

Assim, a jornada antropológica que trilhei, impulsionada por essas leituras e orientações, revelou-se um aprofundamento nas intrincadas formas de pensar e organizar as sociedades humanas. Nesse contexto, a obra de Claude Lévi-Strauss, por exemplo, emergiu como uma referência fundamental. Antropólogo, Filósofo, Sociólogo e um dos primeiros professores de Sociologia na USP (Universidade de São Paulo), Claude Lévi-Strauss é uma referência fundamental para etnografias. Rompeu com visões etnocêntricas que dividiam as sociedades entre "selvagens" e "civilizados", demonstrando que todas possuem formas complexas de organização e pensamento. Suas contribuições ampliaram a compreensão da

cultura como um sistema estruturado de significados, influenciando gerações de pesquisadores. Ainda que não seja um eixo central desta pesquisa, suas ideias enriquecem a reflexão sobre a diversidade cultural e os modos como os significados são construídos e transmitidos. (Lévi-Strauss, 2008)

Sustenta que o pensamento se baseia na observação atenta e no uso prático dos elementos naturais, foi crítico do pensamento moderno que colocava o “primitivo” como irracional. Sociedades isoladas e tradicionais também desenvolvem modos de compreensão complexos e eficientes. Em um capítulo, a Ciência do Concreto, compara o pensamento mítico ao trabalho do “bricoleur” tipo um artesão:

Mesmo estimulado por seu projeto, seu primeiro passo prático é retrospectivo, ele deve voltar-se para um conjunto já constituído, formado por utensílios e materiais, fazer ou refazer seu inventário, enfim e sobretudo, entabular uma espécie de diálogo com ele, para listar, antes de escolher entre elas, as respostas possíveis que o conjunto pode oferecer ao problema colocado. Ele interroga todos esses objetos heteróclitos que constituem seu tesouro, a fim de compreender o que cada um deles poderia “significar”, contribuindo assim para definir um conjunto a ser realizado, que no final será diferente do conjunto instrumental apenas pela disposição interna das partes. (Lévi-Strauss, 2008)

A Antropologia, como campo do conhecimento, está em permanente construção, nunca se fixando em um único modelo explicativo. Seu dinamismo se reflete na forma como incorpora novas perspectivas e revisita teorias anteriores, reinterpretando-as à luz de diferentes contextos e desafios contemporâneos. Mariza Peirano completa que, a antropologia progride ao passo que está sempre em constante renovação teórica. Esse aperfeiçoamento acontece quando buscamos dialogar, contestar ou expandir teorias antigas, as quais para quem decide fazer etnografia, são referenciais teóricos. Nesse sentido a ideia de bricolagem foi associada ao senso comum da Antropologia. (Peirano, 2014)

E é nesse sentido que sigo com meu trabalho. O trabalho etnográfico é, em essência, uma atividade de montagem criativa, na qual o pesquisador se vale dos materiais disponíveis para construir sua análise. Não sigo um caminho predefinido, mas construo um percurso analítico a partir das relações que surgem entre os agradecimentos dos TCCs, as interações sociais dos estudantes e o processo de transição acadêmica.

No primeiro momento busco evidenciar o início, a reunião de todos os TCCs na primeira década de existência do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. A busca por todos os trabalhos, os caminhos que percorri para conseguir alguns e as dificuldades que enfrentei nessa jornada.

Seguindo com o segundo momento, já tenho quase todos os trabalhos reunidos e enfrento como trabalhá-los, como conseguir fazer uma etnografia dos mesmos. Leticia Ferreira e Laura Lowenkron em seu livro *Etnografia de Documentos entre papéis, carimbos e burocracias* me dão suporte para entendimento de uma performance que os trabalhos evidenciavam. (Lowenkron e Ferreira, 2020)

Os agradecimentos de todos os trabalhos que reuni me chamaram a atenção, de início pensei em trabalhá-los, mas descartei, achei que eram irrelevantes. No entanto, a cada movimento de leitura que eu fazia, a cada etnografia que eu estudava ficava claro que eles seriam meu objeto de estudo. Cheguei à aceitação, pois estou passando pelo mesmo processo que meus colegas antecessores passaram. Estou me formando, me graduando, passando de um status a outro.

No terceiro momento, entendo que os trabalhos fazem parte de um ritual de passagem. Através dessa colocação busco o entendimento do que são os rituais e por que são tão importantes para a Antropologia. Mariza Peirano é o suporte para tal entendimento enquanto busco em Arnold Von Gennep e Victor Turner a compreensão do que são os rituais de passagem. Márcio Goldman é essencial para compreender meu movimento para o ritual.

Victor Turner em seu livro *O Processo Ritual* de 1974 permite que eu aprofunde no conceito de liminaridade, onde os neófitos em ritual de passagem estão entre duas estruturas no quarto momento. Há uns meses atrás mandei uma mensagem para meu orientador dizendo que a cada agradecimento que leio, algumas expressões me chamam a atenção, caminho, trajetória, caminhada, jornada, trajeto são algumas. (Turner, 1974)

Logo recebo dele uma indicação, Linhas de Tim Ingold, com o livro em mãos percebi através dos agradecimentos o movimento que fazemos de um ponto a outro enquanto estamos em processo de graduação. ligo a liminaridade de Victor Turner com as linhas de Tim Ingold e consigo contrastar as malhas que se formam e são fundamentais para que o aluno consiga seu diploma, sua formação. Quando chego no quinto momento ligado aos agradecimentos, encontro nos trabalhos de meus colegas caminhos que me levam a escrever meus agradecimentos. Então meus agradecimentos não será um elemento que vai preceder meu trabalho, ele fará parte dele.

Em meio a papelada, a busca pelos TCCs esquecidos.

Envolvido com a reunião de todos os trabalhos de conclusão de curso de Licenciatura em Ciências Sociais, dou origem a busca. De certo não tinha ideia de como fazer isso. Reunir foi um compromisso que fiz e ingenuamente acreditei que seria simples. Meu campo se desdobrou em meio a esses documentos, seria necessário em primeira instância, agrupá-los, para só então depois iniciar minha pesquisa.

A análise de documentos, longe de ser um mero auxiliar, constitui um campo de investigação profícuo para a antropologia, revelando elementos ativos na construção do conhecimento. Embora historicamente negligenciada ou relegada a um papel complementar, a análise documental sempre desempenhou um papel essencial em diversas etnografias. Ao ignorar a importância dos documentos, o antropólogo perde a oportunidade de compreender como esses artefatos moldam e influenciam o mundo social que se pretende analisar

A busca por informações em documentos é uma etapa essencial na pesquisa antropológica, preparando o terreno para o trabalho de campo. Victor Turner, por exemplo, antes de examinar os rituais do povo Ndembo no noroeste da Zâmbia, buscou informações no Instituto Rhodes-Livingstone (primeiro centro de pesquisa antropológica na África). Os estudos de campo realizados por outros pesquisadores sobre sistemas políticos e jurídicos, casamentos, migrações e ecologia serviram como suporte fundamental para o início de sua pesquisa. (Turner, 1974)

Ao investigar os cadernos de campo de Roger Bastide buscando uma concepção da literatura, da história, da antropologia cultural e da hermenêutica, e também explorar as imagens e compreensões do Brasil, Maria de Lourdes Patrini Charlon, indica que os cadernos de campo são documentos com abundantes conhecimentos. Acontece que Bastide deixou um legado específico no país que proporcionou, mesmo que restrito ao uso acadêmico e seguindo normas institucionais, o acesso de pesquisadores a esses materiais. (Charlon, 2010)

Andreia Baia Prestes, aborda o valor dado à escrita quando produtora de materialidade em uma organização indígena, a FEPHAC (Federação do Povo Huni Kuî do Acre). A autora analisa os documentos produzidos em assembleias. São atas, memórias, ofícios e cartas que estavam armazenados em arquivos de papel e registrados digitalmente. (Prestes, 2020)

Em "A vida de laboratório: a produção de fatos científicos", Bruno Latour desmistifica a ideia de que os "fatos científicos" são descobertas puramente acidentais, revelando-os como construções que emergem das rotinas de trabalho dos cientistas. Ele descreve a experiência de um antropólogo que, ao adentrar um laboratório, se depara com um emaranhado de documentos.

Inicialmente perplexo diante da complexidade daqueles códigos, o antropólogo, ao longo de sua investigação, desvenda as escritas e percebe a importância de considerar múltiplos pontos de reflexão para compreender a pesquisa em sua totalidade. Essa imersão na produção documental demonstra como a análise minuciosa e a interpretação contextualizada são cruciais para a construção do conhecimento científico. (Bruno Latour, 1997)

Os exemplos que tentei modestamente evidenciar acima, são de antropólogos que quando confrontados com a tarefa do trato com os arquivos e os documentos, tinham os mesmos à disposição. Em suas pesquisas obtiveram acesso sem dificuldades a documentos que os auxiliaram. Não acredito que foi fácil, o trabalho do antropólogo nunca será fácil, conseguir encontrar os documentos, interpretá-los realmente é árduo. Também acredito que não foi difícil, ou ao menos não transpareceu nas leituras.

Meu ponto não é a questão do trabalho direto com os documentos. É sobre tê-los à disposição para consulta. Quando aceitei a responsabilidade de reunir todos os Trabalhos de Conclusão de Curso na primeira década de existência da Licenciatura em Ciências Sociais em Anápolis-Go, acreditei ser até então uma tarefa fácil. Precisava montar um acervo de todos os trabalhos produzidos pelos cientistas sociais já graduados pelo IFG e colocá-los à disposição no laboratório de Ciências Sociais e Humanidades.

Pensei que iriam estar disponíveis em algum arquivo digital, ou que estariam arquivados fisicamente em alguma sala no campus. Durante uma das minhas primeiras orientações, foi me disponibilizado uma lista com trinta e sete nomes de alunos que já haviam se graduado na Instituição. Desse número dois trabalhos não se dispuseram por motivos maiores. Porém, mais um chegou à lista já no fim do ano, um trabalho que acabara de ser apresentado e aprovado que irá se integrar ao arquivo.

Recebi de meu professor/orientador, de imediato, dezesseis trabalhos já finalizados em formato digital. Para começo de labuta, até que eu não estava tão mal assim. Em minhas orientações havia uma preocupação por parte do meu orientador sobre os trabalhos estarem em sua forma final, ou seja, com a folha de aprovação anexada ao arquivo devidamente assinada, carimbada e datada.

Ao organizarem as etnografias de documentos, Letícia Ferreira e Laura Lowenkron, evidenciam a importância de esses documentos estarem vinculados a organizações estatais. O motivo é que internamente nesses espaços, a escrita exerce papel substancial na interação de variados sujeitos ou grupos dentro dessas instituições. Então todo o cuidado ao analisar os

documentos institucionais e alerta aos símbolos, carimbos, assinaturas que atestam a veracidade desses documentos. (Lowenkron e Ferreira, 2020)

Acontece que dos primeiros arquivos que estavam em minha posse poucos contemplavam essa exigência. Seria necessário não somente reuni-los, mas cumprir toda a condição burocrática de um TCC de uma Instituição Federal. Comecei a procura com os orientadores que fizeram parte dos trabalhos, como eu ainda estava em período de aulas, muitos eram meus professores e o acesso foi fácil.

Em aula mesmo, quando tinha um tempo entre uma explanação e outra eu solicitava uma conversa em particular com o professor ou falava ali mesmo no meio da aula quando convinha. Sempre busquei deixar a conversa com os professores mais formal, pois se tratava de documentos importantes, então, solicitava o e-mail corporativo do professor para assim poder fazer uma solicitação mais oficial junto a instituição. Claro que uns e outros trabalhos chegaram a mim via WhatsApp.

Em princípio obtive respostas positivas e alguns trabalhos começaram a chegar, porém, alguns documentos chegavam em desacordo com o que foi proposto junto ao professor/orientador. Alguns não tinham a folha de aprovação, ou quando havia, não estava preenchida e muito menos assinada. Foram muitos professores que recorri em minha missão, todos foram enfáticos ao afirmarem que minha busca iria concluir quando acessasse o Repositório Digital.

O Repositório Digital do IFG é uma plataforma online que armazena, organiza e disponibiliza os trabalhos acadêmicos, científicos e institucionais produzidos por estudantes, professores e servidores do IFG. Ele é um tipo de arquivo institucional, um espaço dedicado ao compartilhamento de tudo o que foi produzido dentro da instituição.

E assim, recorri ao Repositório que pouco me ajudou, afinal somente seis dos quase quarenta trabalhos se encontravam arquivados online naquela página. Recorri a biblioteca, pois administrativamente a mesma era incumbida desse arquivamento online. O problema era que o horário de funcionamento não coincidia com minha carga horária de trabalho. Recorri a e-mails que foram enviados para a responsável do setor, a qual se apresentou muito solícita a minha demanda.

Combinamos então um horário que funcionaria ao nosso encontro. Marcado o encontro e concretizado, foi-me revelado que realmente havia só seis trabalhos arquivados no Repositório. A frustração tomava conta de minha busca e parecia que só havia caminhos que

me levavam ao fracasso. Alguns professores também não respondiam minhas solicitações tanto via e-mail, tanto via mensagem por aplicativos.

Um dia comum, daqueles de aula, o professor em sala, nos libera para o intervalo. Em uma dessas conversas de intervalo, despreocupada, onde rola aquele café quente e resenhas entre professores e alunos sentados na parte externa do campus. Estava ali meio que desabafando, revelando minha frustração e como estava difícil reunir todos os trabalhos que cumprissem com os requisitos formais institucionais. Então um professor questiona se eu por acaso, já havia procurado no armário da sala dos professores.

Que armário? Respondi de prontidão. – “Um armário que fica na sala dos professores, lá estão vários TCCs impressos que você pode consultar”. De imediato entrei em contato com meu orientador para que ele pudesse junto comigo abrir esse armário. Marcamos de nos encontrar e abrir esse bendito armário, todas as minhas esperanças estavam ali guardadas. Chegou o dia, nos encontramos e subimos para a sala dos professores.

Não havia nem metade do que esperava encontrar, na verdade encontrei dois trabalhos que achei que seriam os mais difíceis, pois se tratava dos primeiros alunos que se formaram no curso. Porém, eram só dois, nessa altura eu não sabia mais onde encontrar. Um e-mail recebido na mesma semana me acalmou, mas pouco, o e-mail de um professor que me enviava cinco trabalhos dos quais ele foi o orientador e havia ainda um pedido de desculpas pela demora o que me deixou de certa forma comovido.

Meu orientador sempre me incentivou a recorrer aos alunos, entrar em contato com os mesmos e solicitar seus trabalhos. De certa forma me constrangia a ideia de solicitar junto ao aluno o seu trabalho, alguns já evidenciaram em conversas e resenhas que se sentem constrangidos pelo trabalho final que escreveram. Esse sentimento geralmente é muito difundido entre os estudantes e o meu trabalho não é somente reunir essas escritas, mas também as ler. Em meus pensamentos, no real, sou um aluno em final de curso, não tenho patente para solicitar o envio de aluno para aluno e também não tenho competência para avaliá-los.

Superei, na verdade, tive que superar o constrangimento e entrei em contato com alguns alunos. Consegui dois trabalhos de colegas via WhatsApp mesmo. Fazer perguntas, pedir acesso a documentos ou se inserir em uma comunidade de pesquisa sempre envolve um certo grau de vulnerabilidade. Pedir ajuda a meus colegas, professores e a instituição me fez entender que não é depender, são conceitos diferentes, ajudar não é estar sujeito a algo, significa contribuir para que alguém faça algo. Todo esse movimento me permitiu adquirir um olhar mais sensível à medida que agrupava os trabalhos.

Na verdade, fui bem recebido o tempo todo por ambos em minha solicitação, sou grato por isso. No entanto um dos trabalhos estava sem a folha de aprovação, e percebi também que a maioria esmagadora dos trabalhos se apresentavam em meus arquivos de maneira incompleta.

Preocupado com as exigências em reunir todos os trabalhos em sua forma oficial, o encanto da missão foi evaporando. Contudo, revisando minhas referências teóricas, percebo que não é somente a formalidade do documento que o valida, não é sobre os logos, carimbos e assinaturas, é preciso entender a ação de documentar, e isso envolve por exemplo perceber como funciona a circulação desses documentos, seu espaço e como são arquivados. (Lowenkron e Ferreira, 2020)

Em um encontro de orientação, desabafo minhas decepções ao não conseguir realizar de forma plena minha missão. Em uma resposta positiva e reconfortadora, meu orientador me disse não ser necessário os documentos estarem em sua forma final e completa com todos os atos formais de um TCC, bastava estarem ali reunidos.

Ao investigar as possibilidades e desafios encontrados em uma etnografia dos documentos, Márcio Douglas de Carvalho e Silva em *Fazendo etnografia no arquivo: desafios e possibilidades* em 2018 aponta que os arquivos refletem em seu conteúdo variadas interpretações da sociedade e de suas mudanças sofridas ao longo do tempo. O arquivo não se resume apenas a papéis em sua forma material ou digital. São agentes públicos ou privados que integram toda a sua funcionalidade. (M. D. Silva, 2018)

Realmente foi algo que orbitou em meus pensamentos enquanto reunia os trabalhos. Afinal, uma década de produção científica de discentes formados estava dispersa. Não havia um espaço que concentrava toda essa produção, de certo, foi negligenciada. São fontes importantíssimas de conhecimento e riquíssimos enquanto referenciais teóricos.

A Construção do Campo nos Documentos.

A Antropologia tem um poder de encantamento que atrai aqueles que desejam compreender o mundo de forma profunda, relacional e crítica, ao menos foi assim que a conheci. Escolhi a etnografia porque me despertava a curiosidade intensa pelas múltiplas formas de se viver no mundo. A ideia de que existem sociedades, culturas e modos de existências diferentes provocou em mim o interesse de compreender essa diversidade de maneira mais profunda.

Entendi que é um movimento interno também, é necessário se conhecer para que assim consiga ver o mundo pelos olhos do outro, compreender o que é diferente, sem julgá-lo. Claude Lévi-Strauss no prefácio de *Raça e História* diz: “A Antropologia nos ensina uma lição de humildade: ela nos mostra que os valores, sistemas de pensamento e modos de vida que tomamos como evidentes são apenas uma possibilidade entre muitas”. (Lévi-Strauss 2008)

Acreditava que essa reflexão se dá quando se adentra ao campo, onde há o confronto de expectativas, quando as certezas se desfazem. O choque com o campo gera uma espécie de desconstrução intelectual, emocional e existencial, o Antropólogo ao se expor a novas formas de vida sente suas referências desmoronarem. E me parecia que é justo nesse momento, nesse movimento de incertezas que se abrem as possibilidades de um entendimento mais profundo de sua pesquisa.

Uma de minhas diversas inseguranças era a do campo. Minhas leituras me levavam a locais que jamais imaginaria ir, todas as dificuldades e aprendizagens de Antropólogos em seus campos longínquos me despertava certo tipo de constrangimento. Meu campo seria os documentos, e me preocupava muito em ser sentenciado como um Antropólogo de gabinete. No século XIX e início do Século XX a Antropologia era em sua maioria desenvolvida por Antropólogos em seus escritórios.

Minha apreensão ascendia exatamente nessa questão. Busquei evitar basear-me em relatos, usar fontes secundárias e ter esse distanciamento com todos os trabalhos que reuni. Ao mesmo tempo ao adentrar nos trabalhos me deparava com lindas etnografias de colegas antecessores que enfrentaram seus campos.

Foram entrevistas, visitas longas, grandes distâncias percorridas, até mesmo fora do país. Beatriz Silva Amorim busca a relação entre pessoas, lugares e símbolos para fundamentar o pertencimento do sujeito. Seu trabalho foi desenvolvido na rua Copa 14 no Residencial Copacabana em Anápolis-GO, selecionou uma amostra de moradores dessa rua se pautou na observação participante e em conversas com nativas. (B. S. Amorim, 2023)

Janaína Taís Pereira da Silva vai ao Mercado Municipal de Anápolis, em um local tradicional da cidade elabora um belo trabalho etnográfico. Janaína fez visitas ao mercado três a quatro vezes na semana, seu trabalho de campo durou seis meses. Relata perfeitamente o cotidiano dos trabalhadores, frequentadores e dos demais sujeitos que participam do cotidiano do mercado. (J. T. Silva, 2019)

José Faria Pereira vai a Bolívia e aborda a produção de têxteis tradicionais em uma localidade andina. Nas altitudes, Tarabuco o nome da cidade, quase seis mil quilômetros de distância de Anápolis-GO. Foram duas investidas, a primeira de somente uma semana, a outra, um mês. Sua rotina se dividia no processo de aprendizagem de tecer e a educação da atenção técnica. Coletou belas fotos e anexou em seu TCC, seu trabalho é um exemplo para qualquer estudante de Ciências Sociais. (J. F. Pereira, 2017)

Loriene Soares Oliveira vai ao Hospital de Apoio em Brasília (HAB) e estuda a alimentação humanizada de pacientes em tratamentos paliativos, “Comer no fim da vida”, é o título de seu trabalho. Evidencia a humanização da morte pela promoção de uma alimentação hospitalar à pacientes em tratamento paliativos e como esse processo está sendo gerido por uma empresa privada. Foram plantões de doze horas intercalados em quatro semanas de campo na capital do Brasil. (L. S. Oliveira, 2017)

Minha visão inicial da antropologia era limitada ao campo físico e distante, imaginando o antropólogo como um observador solitário em territórios exóticos. No entanto, o trabalho de Mariza Peirano, sempre perspicaz, me serviu de guia e inspiração. Em seu artigo de 2013, "Etnografia não é método", ela relata sua experiência durante um recadastramento eleitoral biométrico, demonstrando que o campo etnográfico não se restringe a espaços exóticos. O deslocamento necessário, argumenta Peirano, não é necessariamente físico ou geográfico, mas sim um deslocamento do próprio universo de significados do antropólogo para imergir em outra realidade cultural. (Peirano, 2014)

A possibilidade de ser afetado segundo Mariza Peirano vem do fato que a antropologia não se fecha em contextos pré-definidos e um espaço fechado de teorias, ao propor fazer uma etnografia se tem em mente que a teoria vai se desenrolar no empirismo, não há previsão do que vai se destacar enquanto estudo, é sempre uma surpresa, mas nunca há o despreparo enquanto pesquisador. (Peirano, 2014)

A escolha de fazer uma etnografia de documentos parte desse deslocamento que me permiti fazer. O campo é um espaço social vivido pelo antropólogo, e é exatamente onde a etnografia de documento se difere da Antropologia de gabinete. O campo se faz ao longo do

entendimento que esses documentos, esses trabalhos de conclusão de curso se tornam um território rico em significados.

Leticia Ferreira e Laura Lowenkron argumentam que os documentos oferecem dimensões performativas em diferentes contextos, por exemplo, Gustavo Onto, fundamenta sua pesquisa no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) e percebe que a lida com os papéis passa por variados profissionais em sua maioria economistas e advogados, são documentos que serão instruídos e julgados pela lei antitruste nº 12.529/2011. O autor busca compreender como esses profissionais alcançaram o conhecimento necessário para analisar e julgar tais documentos. (Onto, 2020)

Natália Corazza Padovani, em uma penitenciária feminina de São Paulo conhece Adelina, a mesma havia sido presa ao tentar entrar com drogas em uma penitenciária masculina onde seu marido cumpria prisão. Adelina lhe entregou inúmeros documentos, cartas, cartões, fotos, desenhos, sua sentença e processos que ainda estavam sem data prevista para julgamentos. Os documentos atestavam quem era essa mulher e também demonstravam toda uma malha de relações as quais ela está embaçada. (Padovani, 2020)

Ao fazer breves incursões etnográficas em duas ex-colônias de leprosos em uma cidade satélite de Belém do Pará, Claudia Fonseca, reflete através de um documento de identidade amarrado em suas formas institucionais de reconhecimento a temporalidade. Busca dinâmicas fenomenológicas de recordações vividas, de um filho que teve seu pai separado abruptamente de seu convívio erroneamente em uma colônia. (Fonseca, 2020)

Através de alguns encontros articulados na Rede de Comunidades e Movimentos contra Violência ao qual realizava alguns trabalhos, Juliana Farias, busca justiça junto aos familiares de Emanuel, um garoto executado pela polícia do Rio de Janeiro. Há uma peregrinação em instituições legais que trabalham o processo, no entanto, Juliana Farias se dobra sobre os documentos, são gravações, processos que foram estudados. Todo esse movimento com os familiares se transformou em afetividade compartilhando a dor da perda de Emanuel. (Farias, 2020)

Larissa Nadai e Cilmar Veiga, examinam a linguagem dos laudos periciais do IML de Campinas e Juiz de Fora e como as lesões e causas de morte são transformadas em “pedaços de carne”. Essa metáfora evidencia o distanciamento entre a vítima pessoa e o objeto analisado, o corpo é tratado como um item a ser analisado sem o contexto da vida ou as implicações sociais e pessoais da morte. Essa fragmentação do corpo no sentido físico e simbólico é uma crítica ao

processo burocrático que diversas vezes apaga a complexidade humana da vítima. (Larissa Nadai, 2020)

As etnografias modestamente exemplificadas acima demonstram que os documentos não apenas registram ou representam informações, produzem efeitos e ações em relações sociais. A antropologia permite que o desempenho de certos artefatos forneça prismas de interpretações de realidades sociais. Esse tipo de abordagem é uma compreensão de que os autores ou os que estão ali relatados não sejam somente agente passivos, mas ativos nas produções de significados e relações sociais.

Minhas incertezas caem à medida que me desloco ao campo documental. Foi necessário transformar em uma reflexão crítica dentro de meu trabalho pois ainda há, como eu mesmo tive no início, um constrangimento do não deslocamento, da não vivência física com os nativos. Ao mesmo tempo, não é um mero exercício de leitura de textos, mas uma etnografia que emerge de sentimentos, é ao mesmo tempo lidar com certas camadas de memórias imateriais das identidades dos estudantes.

Com todos os trabalhos em mãos, indo da primeira à última página de cada um busco suas performances, o que querem comunicar, enquanto faço esse exercício mais vou percebendo que não se trata de seus conteúdos científicos, o que foi escrito, o que foi estudado, se é possível trabalhá-los dessa maneira. É mais sobre quem escreve, em qual contexto esse autor está inserido e o que esse trabalho significa para ele.

Ritos e registros.

Émile Durkheim desempenhou um papel fundamental na construção da análise simbólica dentro da antropologia, deixando um legado que influenciou diversos estudos sobre rituais e símbolos na vida social. Em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, ele examina o totemismo e argumenta que a existência da sociedade depende de um complexo sistema de significados compartilhados. Para Durkheim, os símbolos não são meramente representações abstratas, mas elementos fundamentais que fortalecem a coesão entre os indivíduos, uma vez que canalizam e reafirmam os sentimentos coletivos. (Durkheim, 1996)

A partir dessa perspectiva, os rituais não devem ser vistos como estruturas imutáveis, mas sim como práticas que se transformam ao longo do tempo. Ao realizar rituais, os grupos sociais não apenas reafirmam suas opiniões e identidades, mas também podem ressignificar seus símbolos e adaptar suas expressões culturais de acordo com mudanças históricas e sociais. O que se mantém constante, segundo Durkheim, não são os ritos em si, mas uma necessidade humana de fortalecimento de laços sociais e valores compartilhados. (Durkheim, 1996)

O estudo dos rituais tornou-se essencial para a antropologia porque permite compreender como as sociedades estruturam suas relações, transmitem conhecimentos e constroem significados sobre o mundo. Ao observar os ritos em diferentes culturas, é possível perceber que eles cumprem funções essenciais, como garantir a continuidade das tradições, fortalecer identidades coletivas e estabelecer fronteiras entre o sagrado e o profano.

A escrita de um TCC está ligada a um longo processo de requisitos legais para ser aprovado. Além de ser checado enquanto documento autoral perante normas da instituição, há ainda, que se defender. A defesa é a apresentação para uma banca de examinadores onde o aluno deverá evidenciar os resultados de sua pesquisa, pode ser aprovado, ou sofrer o revés. Se aprovado, ainda não significa o fim, para a obtenção do diploma deve-se ter adicionado junto as horas complementares e obedecer às horas exigidas de estágio.

Todo esse movimento de exigências está ligado a um sistema burocrático institucional. Mariza Peirano em *Rituais ontem e hoje* de 2003 dispõe três aspectos fundamentais para se caracterizar um ritual, o primeiro é que são realizados em momentos diferentes, momentos que destoam da vida cotidiana. O segundo, é que se trata de um desempenho coletivo para se chegar a um determinado fim. E por último, o terceiro, são eventos que apresentam uma estrutura ordenada. (Peirano, 2003)

O pressuposto é que o trabalho seja entregue a banca alguns dias antes de ser defendido, a data da defesa geralmente é marcada para que não coincida com a rotina das outras aulas. A

banca examinadora fica a escolha do aluno, compõe-se por seu orientador e mais dois professores que irão ler o trabalho, apontar correções e decidir sobre a aprovação ou desaprovação. Toda a apresentação segue um princípio metódico.

O aluno se senta à mesa sozinho enquanto a banca se coloca ao lado ou a frente com os três examinadores. Toda a apresentação é preparada em uma forma oficial, o tempo é limitado, após a apresentação a banca se incube ao debate. Há também a celebração, a colação de grau, ou formatura. É uma cerimônia solene que marca a conclusão de todas essas etapas passadas pelo estudante.

De fato, a ideia de estar ligado a um processo ritualístico sempre me rodeou. Também estou transitando em todas essas situações, escrevendo meu TCC, reunindo minhas horas, conferindo meu estágio, escolhendo minha banca e me preparando para a defesa e imaginando enfim minha diplomação. Ao formar um arquivo de todos os trabalhos entendi que são artefatos ritualísticos, e é esse seu desempenho enquanto documento perante ao contexto social dos alunos.

Há variadas formas de abordagem se adentrarmos ao campo ritualístico de formação de ensino superior de um aluno. O trabalho enquanto documento tem uma função primordial no ritual. É uma das determinações para que haja a formação, a transformação do aluno em profissional, a passagem de um status a outro, será um dos requisitos para a graduação. Têm exigências, deve seguir uma norma padronizada de escrita acadêmica, é constituído por elementos prétextuais obrigatórios, capa, contracapa, sumário, resumo, abstract.

Existem também elementos que não são obrigatórios: dedicatória, epígrafe e agradecimentos ficam a margem de um trabalho acadêmico. Não estão ligados ao conteúdo científico proposto afrente, é mais sobre quem escreve. O ato de escrever um trabalho final acadêmico em si se torna uma prática, ao percorrer toda sua estrutura textual estamos em um processo ritualístico.

São rituais, em formas diferentes, mas o são, de certo há uma má interpretação do que sejam os rituais. Mariza Peirano, alerta para o erro de ligar rituais ao comportamento de sociedades antigas, como algo arcaico ou ultrapassado, pelo contrário, a contemporaneidade está repleta de rituais, eleições, celebrações religiosas, jantares familiares, enterros e até mesmo práticas corporativas são alguns exemplos. (Peirano, 2003)

Um pouco acima evidencio que minha intenção era encontrar os autores, não me interessaram suas dissertações, são belas, mas não tenho pretensão de fazer um estado da arte,

muito menos categorizar ou quantificar. Essa ideia surge quando em todos os trabalhos que leio, os agradecimentos sempre me tocam, tomam meu tempo e me levam longas reflexões.

São escritas que trazem um sentido de transformação. Encontro na maioria expressões como caminho, trajetória, percurso, caminhada, etapa e entendo que enfatizam o caráter pessoal e único dessa experiência. Cada estudante percorre seu próprio curso, e esse espaço de escrita se torna uma reflexão para aqueles que participaram. No entanto essas mesmas expressões também enfatizam um processo de um rito.

Assim, o uso dessas expressões nos agradecimentos não é apenas uma convenção de linguagem, mas um reflexo da própria estrutura ritual da experiência acadêmica. A escrita do TCC e o ato de agradecimento tornam-se, eles mesmos, gestos que ajudam a consolidar a transformação do estudante, marcando simbolicamente sua passagem para uma nova fase da vida.

Faço esse movimento para o interior do ritual e dos agradecimentos em razão de uma das primeiras etnografias que fez parte de meu referencial teórico disponibilizado pelo meu orientador. Eram textos etnográficos selecionados que dariam uma base para a idealização de minha escrita. Acontece que uma dessas etnografias nunca saiu de meus pensamentos, talvez seja por que logo depois que li, coincidentemente, fiz uma viagem de férias e visitei a cidade onde o trabalho é construído, ou talvez porque passei por um processo semelhante ao do autor.

Márcio Goldman escreve: Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia em 2003. O autor faz uma pesquisa das eleições e participações políticas dos movimentos negros na cidade, no entanto, recebe um convite de Dona Ilza Rodrigues, mãe-de-santo do terreiro de candomblé que é ligado ao bloco Ilê Aiyê, um dos mais importantes blocos afro do carnaval de Salvador. Não se limita a somente música a atuação do bloco, é um movimento de afirmação da identidade negra e resistência política na Bahia. O Chamado era para transportar em seu carro os objetos ritualísticos de uma filha-de-santo que morrera recentemente. (Goldman, 2003)

Inclinado na ajuda ele segue para o ritual. Terminado o despacho, Márcio Goldman escuta ao longe sons de tambores, confuso não soube distinguir de onde vinha o som, e se aquele som que ouvia, era dos vivos ou dos mortos. Seu estudo tem uma visão mais voltada para a política, no sentido de compreender as relações de poder, agência e estrutura dentro dos sistemas religiosos. No entanto ele só consegue construir sua tese depois de ter sido afetado pelos tambores, essa experiência transformou sua forma de conhecer e interpretar a realidade. (Goldman, 2003)

Goldman não apenas percebe se tratar de algo sobrenatural, ele sente, relata vertigens ao entrar e sair do terreiro. Ele está familiarizado, ele conhece de perto. Ele compartilha essa experiência com dois etnólogos, um deles, Peter Gow que responde o seguinte: “O que imagino é que devemos repensar radicalmente todo o problema da crença, ou ao menos deixar de dizer preguiçosamente que “os fulanos creem que os mortos tocam tambores” ou que “os beltranos acreditam que os espíritos do rio tocam flautas”. Eles não “acreditam”: é verdade! É um saber sobre o mundo” (GOW, 1998, apud MÁRCIO GOLDMAN, 2003, p. 449).

O evento o atingiu em cheio, e a partir disso ele buscou uma forma de articular sua vivência no seu trabalho em Ilhéus. O ritual permitiu desbloquear sua escrita e a seguir com seu projeto sobre política na cidade. Peter Gow reflete que não é sobre “acreditar”, é sobre um saber, uma verdade vivida. Os agradecimentos não são apenas uma folha escrita onde os estudantes “acreditam” que todo esse processo e toda essa experiência de passagem foram essenciais em sua jornada. É uma expressão da veracidade de suas experiências, é um saber sobre o processo de formação acadêmica. (Goldman, 2003)

Compartilho assim como Márcio Goldman uma visão interna, um envolvimento com esse universo simbólico de um ritual. Também fui atingido e isso influenciou toda minha escrita. O ritual não está separado da pesquisa, ao contrário, é dentro dele que a experiência se desenvolve. Não escutei tambores, percebi-me em ritual enquanto lia os agradecimentos. E foi nesse sentido que me desloquei para o interior do ato ritualístico. Fui igualmente afetado como Goldman, as escritas dos agradecimentos de meus colegas e todo o contexto em torno de suas passagens me fizeram entender que estavam e estamos em um processo ritualístico.

Malha liminar, linhas e travessias: A viagem acadêmica como experiência Liminar.

Arnold Van Gennep introduz um dos conceitos mais influentes na antropologia: Os ritos de passagem. Sua obra sistematiza e classifica os rituais que marcam transições entre diferentes estados sociais, analisando como essas cerimônias estruturam a vida dos indivíduos dentro das sociedades. (Gennep, 2011)

São eventos fundamentais para a manutenção da ordem social e se organizam em três fases principais. A primeira seria a separação (Pré-liminaridade) onde o indivíduo ou grupo é retirado de seu status anterior, a segunda segue como margem (liminaridade) que é a fase intermediária, onde ocorre a transformação simbólica, o indivíduo já não pertence ao seu status antigo, porém ainda não adquiriu o novo, nesse período há provas, ensinamentos e mudanças no comportamento. Por fim, o terceiro é a reagrupação (pós-liminaridade), onde se retorna a sociedade com um novo status, sendo reintegrado ao grupo com um papel social diferente, e nesse momento pode haver cerimônias públicas e celebrações. (Gennep, 2011)

Décadas depois Victor Turner, ao estudar o ritual dos Ndembu na Zâmbia se aprofunda nesse processo de separação denominado liminaridade. Tal processo ocorre onde o indivíduo estando em passagem, não está nem aqui e nem ali, ele se encontra “entre”. (Turner, 1974)

Nota-se que ele está há um movimento. Ao estudar os agradecimentos dos trabalhos nos estudantes de ciências sociais do IFG campus Anápolis em seus dez anos de existência, me deparei com um documento ritualístico que expõe muito bem esse processo liminar.

O movimento do estudante de um ponto a outro em busca de seu diploma, de um novo status social cabe perfeitamente no conceito de linhas de Tim Ingold. O autor propõe uma visão dinâmica da vida e do conhecimento. No livro Linhas: uma breve história de 2007, Ingold argumenta que o mundo é constituído por linhas em movimento e que a vida pode ser entendida como um processo contínuo de traçar e seguir essas linhas. Se ligarmos os pontos em uma linha, estamos definindo um percurso, um trajeto, um caminho, uma viagem. E não é isso a liminaridade, uma viagem? (Ingold, 2022)

O autor investiga a importância das linhas na vida humana, desde rastros, trilhas e mapas até a escrita e o pensamento. Propõe que as linhas são fundamentais para a maneira como experienciamos e representamos o mundo. Tim Ingold usa como exemplo o povo Batek, um grupo indígena de caçadores e coletores da Malásia, ele descreve como os Batek se movem na floresta seguindo trajetórias fluidas, ajustando-se ao ambiente de maneira contínua. (Ingold 2022)

Navegam através do espaço com base na experiência sensorial e na relação com a paisagem. Essa experiência durante o percurso são linhas que vão ao longo, no entanto, há também as linhas que vão através, caminhos fixos, rotas rígidas. (Ingold, 2022)

A linha que vai através nos permite traçar um plano, uma previsibilidade. Ao matricular-se no curso, o aluno tem ideia de que serão quatro anos de aulas, oito semestres, os cálculos estão predispostos, se fizermos tudo à risca, prevemos o fim de nossa jornada acadêmica, a diplomação e o novo status.

Seguindo o plano parece fácil, os agradecimentos mostram que nunca foi. “Momentos difíceis”, “desistência”, “não seria possível”, “não estaria concluído”, aparecem afirmando que a viagem foi experimentada de forma imersiva. Nem todos os ventos sopram a favor, o anseio sofrido durante o período de dificuldade é superado pela conquista da escrita e apresentação do trabalho.

Momentos assim não se permitem previsibilidades, é impossível ir somente através, o plano traçado não contou com tais adversidades. Vamos ao mesmo tempo ao longo, experimentamos o caminho, somos afetados por interações em constante movimentos assim como nós também estamos. A superação não existiria se não fosse tais interações, as linhas que vão ao longo se entrelaçam em uma meshwork, uma malha que nos modifica constantemente.

A liminaridade de Victor Turner me serve como interpretação de tal malha. Os amigos e professores/orientadores são citados como essenciais para tal conquista nos agradecimentos, sem eles o estudante não iria conseguir terminar sua viagem. Enquanto em ritual de passagem, os neófitos do povo Ndembu eram afastados da sociedade, viviam a margem. Esses espaços permitiam a criação de comunidades entre esses indivíduos que se encontravam em iguais. (Turner, 1974)

Tais comunidades se dá em sala de aula, grupos de iguais compartilhando a mesma viagem. As interações com nossos iguais nos permitem laços profundos de amizade e companheirismo, realmente, o que seria de nós sem nossos camaradas de aulas? O arrimo se faz entre nós, são incentivos, comemorações e até mesmo discussões que vivenciamos durante anos de estudos.

Assim vale para aqueles que me acompanharam na graduação, meus parceiros de curso jornada: Janaína, Vilaça, Gustavo, Rosane, João, Ana Carolina e Madalena. Sinto-me privilegiada e lisonjeada por ter caminhado com vocês nesse labirinto de conhecimento. (T. A. Santos, 2019)

A amizade e sua cumplicidade ao longo do curso foram essenciais para o meu desenvolvimento como pessoa e como cientista social. Obrigada! (T. A. Santos, 2019)

A todos os amigos que me acompanharam e torceram por mim e aos que conquistei desde o início do curso e que me acompanharam ao longo dessa jornada trocando conhecimentos e que levarei por toda vida. (C. M. Oliveira, 2022)

Agradeço aos colegas e em especial aqueles que se tornaram amigos para toda a vida, aqueles e aquelas que me apoiaram nos momentos difíceis que surgiram ao longo do caminho e que não me deixaram esquecer que a amizade é um amor poderoso. (C. G. Borges, 2018)

Enquanto em processo liminar, os neófitos recebem a ajuda dos anciões, São responsáveis por guia-los durante a transição, transmitem conhecimentos, aplicando provas e preparando para assumir o novo status social. Funcionam como guardiões do conhecimento tradicional, são guias que asseguram que a experiência liminar leve à transformação desejada, mantendo a integridade do rito.

Professores e orientadores assumem posição comparável. Atuam também como mediadores do aprendizado e da transição acadêmica, ajudando os estudantes a navegar pelos desafios do campo do conhecimento. Oferecem um ponto de referência importante, funcionando como um pilar de continuidade durante esse período de incerteza e transformação que caracteriza a liminaridade.

Agradeço aos professores Neville, Reynaldo, Danilo, Erika, Kamylla, Andreia, Lays, Jacques, Eduardo e Jean, pois são esses que me ensinaram a ampliar minha visão e me apoiaram incondicionalmente durante todo meu trajeto neste curso. Gratidão pela presença em momentos fundamentais, norteando-me atentamente. (T. A. Santos, 2019)

Ao querido orientador, Prof. Dr. Enrico Bueno, por toda a jornada acadêmica, pelas contribuições e acompanhamento. Aos demais professores do Instituto Federal de Goiás que ao longo do curso contribuíram imensamente para a minha formação. (Cunha, 2023)

Ao Prof. Dr Sandro, que adotou o projeto que resultou nesse trabalho, por toda paciência em ensinar, tudo que me ensinou e toda contribuição na minha graduação. (B. S. Amorim, 2023)

Todas as relações expostas acima evidenciam uma malha de relações, amigos, colegas, professores, orientadores atuam as em uma troca de energias que permite o fim, a transformação do aluno em profissional. O processo liminar, a viagem do estudante de um ponto a outro, portanto nunca será em uma linha inerte, sem vida, sem vivências.

Victor Turner percebe que pessoas liminares carregam uma característica, estão nos interstícios da estrutura social, que seria uma fenda, um espaço entre duas coisas. As comunidades seguem também essa mesma premissa, não existe uma localização fixa e específica, estão fora da estrutura social, no entanto, não está estática, essas pessoas se movimentam como iguais em direção a um objetivo. (Turner, 1974)

Estamos em movimento, geramos linhas enquanto existimos. Todo esse percurso foi produto de uma linha que criamos, a linha da graduação, da transformação. O tempo em que a produzimos percebemos que ela tem seu fim, ela é encerrada, serviu a um propósito. Movimentamos de um ponto a outro, a liminaridade se encerrou, conseqüentemente a linha também. Pensar seu encerramento não condiciona a linha a inexistência, tampouco a uma condição inerte, ela possui um significado que a permite se manter em locomoção.

Enquanto produzimos linhas, damos significados a elas. Pensar a linha da graduação ou da liminaridade pelos agradecimentos concede ligar a mesma ao sentimento de gratidão. David Le Breton em *As paixões ordinárias*, antropologia das emoções argumenta que sentimentos deixam marcas profundas em nossa existência, são moldados no tempo em que nos relacionamos com outras pessoas e com o mundo. (Breton, 2009)

Gratidão em sua definição está ligada a outro elemento, uma pessoa, uma instituição, um objeto até mesmo um espaço e tempo. Perceber a linha do movimento liminar através dos agradecimentos é entender que seu sentido é o coletivo, que ela só se movimenta enquanto malha, e essa malha ao contrário da linha não se encerra.

Ela está marcada nas escritas e lembranças de cada um que se movimentou nessa linha. Sem esse coletivo de auxílios enquanto em movimento a linha existiria, mas não chegaria ao fim, seria um traço, não seria possível prever nem como e nem quando esse traço acabaria, porém, estaria inacabado, incompleto.

Quando ligamos nossa linha a malha as energias confluem e conseguimos alcançar nosso objetivo. Os agradecimentos exibem bem essas linhas produzidas, são linhas individuais em movimento que foram produzidas com um objetivo em comum, mas que só conseguiram alcançar esse objetivo quando se entrelaçaram com uma malha viva.

Assim me coloco em tal situação, experimentando meus últimos momentos enquanto aluno. Minha linha está chegando ao fim, mas se manterá em mim enquanto eu ainda existir. Enquanto a produzo percebo que se não estivesse em uma malha, não estaria escrevendo esse trabalho, não teria terminado meu estágio e muito menos reunido minhas horas complementares.

Minha linha se entrelaçou e ainda entrelaça à medida que acompanho minhas últimas aulas, quando chego sempre um pouco atrasado em sala de aula, quando converso com meus amigos no campus ou então em rápidos momentos de encontro presencial com meu orientador. Essa relação viva não me permite parar, nem se quer há espaço para se pensar nisso, sigo em direção ao diploma, mas não sigo sozinho e nem conseguiria.

Mapas da gratidão: Os agradecimentos como marcas da viagem.

Busquei de diversas maneiras escrever sobre os agradecimentos, entendi que é um sentimento e sua expressão se encontra escrita nos trabalhos dos colegas. Compreendi também que se trata de atravessar uma etapa importante da vida de cada um, além disso é uma ação coletiva, gratidão sempre estará em uma linha ligada a uma malha. No momento anterior tentei evidenciar humildemente a ligação da liminaridade com uma viagem acadêmica, alcançada através da malha de relações que estamos envolvidos.

Enquanto montava o arquivo dos trabalhos de meus colegas antecessores, os liam na tentativa de apanhar algo que extrapolasse meu entendimento. Encontrei os agradecimentos, e vi algo que não conseguia interpretar direito, me tomava tempo para conseguir perceber até então que conseguia senti-lo.

Pensava em como escrever o meu, o que e quem não poderia faltar quando chegasse minha vez. Deixei por último, como é uma escrita livre e não tem importância na nota final do trabalho e também soa mais como uma homenagem, então, poderia colocá-lo no fim da fila. Engano total, nunca poderia deixá-lo em tal posição, acabei de descrever sua importância enquanto faço minha viagem. Como sinto e estou em liminaridade, no mesmo movimento em que estiveram meus antecessores, pretendo escrevê-lo aqui, neste momento.

Jeanne Fravet-Saada me serve como base para lidar com tal desafio. Não se trata nem um pouco de empatia, vai de inteira aceitação minha, em me abrir à experiência do meu campo de pesquisa de maneira profunda e transformadora. Não quero adotar a visão e o estilo de escrita de meus colegas, todavia, serão meu mapa, tentarei escrever minha linha seguindo suas linhas. (Fravet-Saada, 2005)

Sem perder minha capacidade de análise, as linhas de Tim Ingold retornam para me auxiliarem em minha escrita. Disse acima que usarei os agradecimentos de meus colegas como mapas, porém, não como algo pronto ou dado, seu significado está no ato de mapear enquanto percorreram suas viagens. Não são simples linhas desenhadas em uma superfície, de certo apontam um caminho, mas esse caminho descrito foi fruto de um conhecimento dinâmico. (Ingold, 2022)

Pensar o estado liminar como evidencio antes, é pensar em algo que foi superado, teve seu fim. Ao ligar dois pontos em um espaço para se traçar um mapa reflete esse trajeto acadêmico, é propor uma sequência linear do início ao final dessa passagem. Entretanto, esses mapas descritos nos agradecimentos mostram que seguiram a experiência liminar com uma profunda vivência, então esse mapa não se trata apenas de um mapa tradicional, foi um mapa

criado enquanto em movimento na liminaridade, se torna um mapa vivo da malha liminar acadêmica.

Assim como Fravet-Saada, não posso simplesmente adotar uma perspectiva distanciada de neutralidade, não consigo ficar em cima do muro observando enquanto passo pelos mesmos processos. (Fravet-Saada, 2005)

Agradecer é um verbo, que por sua vez é uma classe de palavras que expressa ações. Dentro dessa categoria, ele é transitivo, precisa de um complemento para ter seu sentido completo. Ele pode ser transitivo direto, quando seu complemento se refere a uma coisa, um objeto, pode ser também transitivo indireto, quando seu complemento é uma pessoa. Quem agradece, agradece a alguém ou a alguma coisa.

Dessa forma, vejo nos agradecimentos de meus colegas elementos que seguem uma espécie de padrão. Família em sentido geral, amigos e professores/orientadores. Seguirei ao longo da linha dessas experiências dinâmicas que foram vividas na malha liminar acadêmica. Irei junto escrever meus agradecimentos seguindo suas linhas, contudo, coloco uma observação, os agradecimentos possuem uma escrita livre, nomes e títulos em maioria aparecem simplificado, soa como de verdade, um afeto de quem escreveu a quem direcionou. Peço desculpas se tratarei de forma mais coloquial essa parte do texto, pois também estou afetado e me permitirei uma escrita mais desprendida.

Família tem pouca relevância na liminaridade evidenciada por Victor Turner. Pouco se fala de seu papel junto aos neófitos, temos uma visão mais sobre as comunidades de iguais e os anciões que auxiliam na travessia. Nos agradecimentos percebo que seu papel se torna fundamental enquanto malha liminar acadêmica. Família engloba variadas ligações enquanto núcleo, conjugues, filhos (as), pais, mães, irmãos são alguns exemplos. (Turner, 1974)

Começarei pelas linhas das companheiras e companheiros, esposas (os) e namorados (as). Ana Carolina (2021) lembra de seu namorado, ele deu forças e ânimo para que ela concluísse essa etapa de sua vida, Hoanna Kesia (2023) agradece ao seu esposo pelo apoio e incentivos durante sua trajetória de formação acadêmica. Leandro Mesquita (2017) escreve que sem sua namorada que também é mãe de sua filha, sua vida faria menos sentido. Lorrany Cristina (2018) agradece seu noivo e futuro marido que diante de todas as dificuldades sempre a fortaleceu.

Ao esposo que a compreendeu, apoiou e tolerou a sua conclusão Marília Jorge (2023) demonstra profunda gratidão. Com muito amor, Pedro Henrique (2023) reconhece que sem sua

companheira e por todo o apoio moral, sentimental, físico e psicológico seu percurso teria sido muito mais tortuoso.

Percorri todos esses anos em uma companhia que iniciou comigo várias etapas de minha vida, algumas ela me viu falhar, em outras, acredito que ficou orgulhosa. Havilla presenciou minha entrada na graduação e durante esse tempo não titubeou em me apoiar, me entendeu em minhas angustias, puxou minha orelha nas minhas indecisões e se mostrou essencial em minha fase liminar. Obrigado amor, por ter me suportado e me ajudado direta e indiretamente na conclusão dessa minha etapa.

Mães, pais, filhos e filhas são uma das conexões humanas mais poderosas, profundas e complexas. Vanusa Maria (2021) lembra de seu pai (em memória) e sua mãe que contribuíram para que ela pudesse estudar, tinham noção do real valor do ensino. Pedro Henrique (2023) reconhece em seus pais não somente o apoio financeiro, mas todo um movimento de mudança de estado para melhoria de sua saúde, agradece pelo apoio e por nunca duvidarem de seu potencial.

Como exemplos e pelos ensinamentos, Marília Jorge (2023) agradece também pelo amor que recebeu. Lorrany Cristina (2018) mostra que em seus momentos de desânimo e cansaço, sua mãe a incentivou e apoiou. Lorieane Soares (2017) e Leandro Mesquita (2017) reconhecem e agradecem a ajuda financeira que seus pais concederam.

Minha mãe nasceu em um 15 de outubro, dia dos professores, ela foi e ainda é minha professora de vida. Mãe solo, se dedicou ao trabalho e aos cuidados dos filhos, hoje cuida dos netos com o mesmo amor. Foi o arrimo financeiro de uma casa durante longos anos, seu exemplo me inspira a ser um ser humano melhor. Obrigado mãe, por tudo.

Aos filhos Cristiane Maria (2022) dedica amor, foram sua força e inspiração, em seus momentos de ausência, em suas crises de choro, quando pensou em desistir eles acreditaram nela, sem eles, Cristiane não conseguiria terminar sua jornada acadêmica. Leandro Mesquita (2017) agradece as filhas por fazerem parte de sua vida, Marília Jorge (2023) coloca os filhos como sua inspiração, razão e emoção, foram responsáveis pelo seu renascimento como mãe, foram sua maior motivação.

Meu filho Benajmin nasceu em 2018, estava em meu segundo período do curso. Nasceu em uma época de intensa movimentação política e social no país, me deu medo. Ao longo dos anos me acompanhou em algumas aulas, conheceu o campus, brincou na sala de apoio pedagógico, subiu e desceu escadas me seguindo. Meu intuito sempre será ser o melhor para ele, obrigado filho.

Acima evidenciei que família ocupa certa margem na liminaridade evidenciada por Victor Turner. Acontece que os mesmos não estão em movimento liminar, sua participação é essencial para que o estudante se gradue, no entanto, não estão em passagem. Pretendo então fazer um movimento a partir daqui mais interno, que demonstre todo esse movimento da malha liminar em busca da transformação do aluno e consequentemente a minha também. (Turner 1974)

Retorno a família, pois quatro linhas se entrelaçam nessa malha ligadas pelo vínculo sanguíneo. José Pereira (2017) é pai de Salomão Alves (2017), compartilharam juntos a linha da antropologia, foram responsáveis por excepcionais etnografias, em seus agradecimentos reconhecem um ao outro. Salomão não encontra palavras que descrevam tamanha gratidão que tem por seu pai, José de forma mais simples, mas que transparece grandeza em sua escrita, agradece a Salomão pela ajuda em formatar seu trabalho e a resolver problemas técnicos.

Vanusa Maria (2021) também se graduou junto a sua filha, Thailane Santos (2021) também compartilharam juntas a linha de pesquisa da educação. Vanusa se refere a sua filha como fundamental para sua conquista acadêmica, uma pena Thailane não optar por escrever seus agradecimentos, no entanto, sua linha se encontra com a de sua mãe nos agradecimentos de Vanusa.

Aos amigos que compartilham a malha liminar, as comunidades em sala de aula se fazem presentes na maioria dos agradecimentos. Beatriz Silva (2023) reconhece os ensinamentos e apoios de Hoanna Kesia (2023), sua amiga que por sua vez agradece também por todo apoio que recebeu em seu processo formativo, principalmente durante a escrita de seu trabalho.

Tamires Almeida (2019) reconhece quem a acompanhou e foi parceiro em sua jornada, Vilaça, Gustavo, Rosane, João, Ana Carolina, Madalena e Janaína Taís (2019) que também agradece sua amiga lembrando os conselhos e ajuda em momentos difíceis.

Leandro Mesquita (2017) faz questão de mencionar nominalmente quem de alguma forma contribuiu para a elaboração de seu trabalho e sua conclusão, Loriele, Lorrany, José, Pedro, Fredson, Osias, Sônia, Camilla e Salomão (2017) que também o reconhece e cativa bastante afeto e admiração.

Camila Gomes (2018) quando escreve sobre seus amigos, aos que seguiram ao longo de seu caminho e que não deixaram esquecer que a amizade é um amor poderoso me ajuda a escrever sobre os meus. Aos camaradas que estão nessa malha liminar comigo, Amanda, João,

Jorge, Raphael, Thiago Rafael, que iniciaram comigo, minha gratidão. Foram seminários, apresentações de trabalhos, provas, longas aulas que dividimos juntos.

Seguimos ao longo, foram duas copas do mundo, três presidentes, duas eleições municipais, pandemia, paralisações, manifestações, palestras, peças de teatros entre cafezinhos e cigarros fui feliz enquanto em suas companhias. Espero de verdade que tenham sucesso em suas novas etapas e que continuemos com nossas resenhas.

Algumas outras amizades não se formaram apenas entre os iguais em fase liminar. Thiago Macedo (2022) manifesta por seu Professor e orientador Enrico Bueno profunda gratidão. A participação em sua carreira acadêmica e consequentemente em seu trabalho deu a ele mais confiança e o fez acreditar mais em seu potencial, atualmente trabalharam juntos em uma publicação de um livro.

Pedro Henrique (2023) agradece seu orientador Geraldo Witezer Jr. Que o acompanhou desde o seu início na graduação. Durante esses anos desenvolveram um bom vínculo que resultou em dois artigos de pesquisa, Pedro o tem como um amigo e sua amizade foi essencial para que ele atravessasse o período pandêmico o mantendo sempre em atividade, incentivando a leitura e a escrita.

Mesmo não estando em passagem, professores e orientadores nos direcionam e dão suporte acadêmico para o término. Também não fazem parte das comunidades de iguais, mas tem acesso irrestrito as mesmas, como evidenciei no momento anterior, seu papel se assemelha aos dos anciões Ndembu. Seu compromisso vai muito além de apoio técnico, é mais sobre um desenvolvimento crítico, auxílio emocional, ética que sustenta a construção de um novo profissional. Suas linhas estão vivas nas malhas liminares dos alunos, do início ao fim.

Alguns nomes se fizeram presentes com belíssimas homenagens, Professora Andréia por exemplo, recebe um agradecimento que precisa ser citado diretamente, “ Com carinho especial, agradeço à minha Professora Andréia Farina de Faria por ter aceitado ser minha orientadora diante de todas as adversidades. Pelo acolhimento, dedicação, paciência e incentivo ao longo de todo o processo de criação deste trabalho. Por ter sonhado junto comigo, ter acreditado na minha capacidade, me dado às mãos e me ajudado a enxergar que seria possível concretizar esse projeto. Sem a sua coragem e empenho nada disso seria possível. Gratidão! ” (M. J. Silva, 2023)

Sua linha esteve presente junto a do Thiago Macedo (2022) que se direciona também a Professora, a agradece pelas disciplinas que participaram juntos e sua humanidade ao ensiná-

lo. Cristiane Maria (2022) também a agradece por ter sido sua primeira orientadora que culminou no início de seu trabalho escrito.

Seguindo outra linha, a do Professor Danilo, esteve presente de forma significativa para Pedro Henrique (2023), deu a ele suporte psicoemocional em momentos difíceis, conseguiu transmitir boas energias para o ajudar a seguir seu percurso. Sua linha seguiu também a de Caio Alexandre (2022), sem sua paciência e assertividades ele não conseguiria chegar ao seu trabalho final.

Professor Sandro, acreditou em Janaína Taís (2019) quando nem ela mesma acreditava, a deu força, apoio e conselhos enquanto elaborava seu trabalho final. Sua linha segue também junto a de Tamires Almeida (2019) que para além de orientações, a acolheu, e com dedicação e sabedoria também a ensinou. Sua paciência em ensinar é lembrada por Beatriz Silva (2023) que o agradece por ter adotado seu projeto que resultou em seu TCC.

Professora Elza é lembrada com muito carinho por Dáguila da Silva (2019), Professora Dayana é citada pela ajuda em trabalhar sua autoestima intelectual. Professor Rangel foi responsável por contribuir com o crescimento científico e intelectual de Geraldo Henrique (2022). Professora Kamylla acompanhou Ana Carolina (2021) a motivando em seus momentos difíceis ao longo de seu percurso.

Professora Lorena Ribeiro foi o suporte e o apoio não somente no trabalho final, mas durante todo o curso, é tratada como querida por Lorrany Cristina (2018). Loriene Soares (2017) agradece aos professores Luis Guilherme, Patrícia Santiago e André, a contribuição de ambos sua formação não seria possível.

Alguns adjetivos seguem os nomes, paciente, assertivo, querido demonstram que essa malha que criamos com os professores em busca de nosso diploma é primordial para que nosso processo de transformação se efetive. Tenho um carinho enorme por todos que tive o privilégio de ser aluno. Acredito que fomos privilegiados por termos um suporte educacional de altíssima qualidade.

Aos meus queridos Professores, obrigado por me acolher, por me ensinar, pela paciência e por acreditarem em mim. Ao meu orientador Professor Sandro, o levarei comigo em minha linha enquanto estiver em movimento. Nos conhecemos de cara no primeiro período, Geografia Humana era a disciplina, que louco era ouvi-lo, procurava a todo modo entender algumas de suas indagações, ia para casa levando sempre algo novo de suas aulas.

Enquanto minha linha atravessava esses anos de graduação, fiquei muito feliz em topa com ele em novas disciplinas. Minha intenção desde o início foi a antropologia e sabia que

poderia contar com sua ajuda em meu trabalho final. A cada encontro de orientação consigo enxergar um universo de novas possibilidades. Nossas conversas sempre ultrapassa os limites do campus, seus relatos de estudos e viagens sempre me cativa. Obrigado Sandro, por tudo e por tanto.

Com essa bricolagem sem ter um plano pré-determinado, tento evidenciar a malha liminar e quem sem esse emaranhado de linhas que se entrelaçam não existiria esses agradecimentos. E a eles, eu agradeço, a todos meus colegas antecessores, não sabia como iria trata-los, se como neófitos ou como nativos, decidi por colegas. Todos os agradecimentos, mesmo os pequenos mais simples, são escritos valiosos e emocionantes a quais direcionaram a criação do meu.

Segui suas linhas e encontrei lindas histórias, me conduziram a um universo de possibilidades sobre meus próprios percursos. Foram valentes em seus caminhos, superaram diversos obstáculos e conseguiram fazer suas passagens, os parabênzinhos e fico feliz por suas conquistas.

Alguns dos autores os conheci, tive a felicidade de cursar algumas disciplinas com os mesmos. Pedro Henrique sempre bom de proza, o assunto flui e se perde a noção de tempo, Thiago sempre amigável e sorridente, tivemos boas trocas de ideias. Marília começou comigo em 2018 e sem olhar para trás atravessou o caminho acompanhada de sua pequena, fiquei muito feliz em poder revisita-la em seu trabalho.

Salomão tive a oportunidade de assisti-lo enquanto palestrava no IV Diálogos Sociais realizado no campus em 2023, lembro que fiz uma pergunta direcionada a ele sobre as perspectivas profissionais de um antropólogo e recebi boas dicas de possíveis próximos passos. Revisitei minhas memórias incontáveis vezes enquanto lia todos os agradecimentos. Obrigado por reviverem boas lembranças.

Considerações Finais.

Termino minha jornada e uma frustração me persegue. Não consegui reunir todos os trabalhos como foi proposto, faltou somente um para que eu cumprisse com minha missão. Ainda não tenho resposta de onde vão ficar todos os trabalhos que agrupei, espero que fique no Laboratório de Ciências Sociais e Humanidades sob os cuidados de quem for o responsável. Aos trabalhos que virão após o meu, confio que serão arquivados em conjunto. Dez anos de produção científica merece muito mais, porém, modestamente peço ao menos o simples de guarda-los.

Acredito que todos os trabalhos de conclusão de curso de Licenciatura em Ciências Sociais estão de fato arquivados em um local que não consegui alcançar, porém, não estão disponíveis para consulta. Os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) representam uma parcela significativa da produção acadêmica de uma instituição de ensino superior. São resultado de anos de aprendizado, pesquisa e reflexão dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento dentro da área de estudo. No entanto, a falta de acesso público a esses trabalhos limita sua utilidade e impacto, restringindo o alcance de suas contribuições tanto para a comunidade acadêmica quanto para a sociedade em geral.

A disponibilização pública dos TCCs é essencial para garantir a democratização do conhecimento. Quando acessíveis, esses trabalhos podem servir como referência para novos estudantes, ajudando-os a compreender diferentes abordagens metodológicas, teóricas e temáticas dentro do curso. Além disso, a consulta a TCCs anteriores pode orientar a escolha de temas e facilitar a construção de novas pesquisas, promovendo um diálogo contínuo entre diferentes gerações de estudantes.

Ao tornar os trabalhos acessíveis, a instituição fortalece sua identidade acadêmica e mostra à sociedade a diversidade de pesquisas realizadas. Isso também pode contribuir para o fortalecimento da licenciatura em Ciências Sociais, demonstrando a relevância das pesquisas desenvolvidas no campus de Anápolis, Goiás.

Entregarei todos os trabalhos a responsabilidade do Laboratório de Ciências Sociais e Humanidades. Esse arquivo foi muito importante em minha fase liminar, e tenho certeza que também possa ser para os próximos camaradas que vierem depois de mim. São belíssimos trabalhos, as formas como são escritas, os argumentos construídos, os títulos criativos, as dedicatórias singulares são exemplos a serem seguidos.

Todos esses elementos e tantos outros são de extrema importância, evidenciam a construção e o desenvolvimento não só de um trabalho, mas de uma marca autoral. No meu

caso, isso foi motivador, acredito que os camaradas que vierem a consultar esses trabalhos também se sentirão assim. Foram dez anos de existência e resistência, é histórico, são quase quarenta pessoas que se formaram em Licenciatura em Ciências Sociais pelo IFG em Anápolis-Goiás, pessoas que passaram por aqui e deixaram suas marcas.

Aos que chegarem a fase liminar, os agradecimentos se tornam leituras obrigatórias. São evidências de uma cooperação coletiva onde todos que escreveram demonstram que sem esse movimento, seu trabalho final e sua graduação não seriam possíveis. É sobre ler um camarada agradecendo sua família e lembrar da sua, de sua importância em toda sua jornada de estudos.

É sobre conhecer os amigos ali descritos e perceber o quão essencial foram os seus. É também e fundamentalmente sobre conhecer seus professores e seu orientador. Quando se lê um agradecimento onde seu orientador está lá, não somente está, é crucial em toda a fase liminar daquele camarada, é entender que se tem um aliado, um pilar. Representa a valorização de alguém que dedicou tempo e esforço para ajudar na construção daquele trabalho e daquele conhecimento.

Minha própria experiência reflete essa realidade. Tive que correr atrás do meu orientador, buscar seu tempo, mesmo quando ele tinha uma agenda apertada. Ainda assim, ele sempre conseguia me atender (onze horas da noite), tirar minhas dúvidas, corrigir meus textos e, ao mesmo tempo, aconselhou-me sobre o caminho que deveria seguir. Essa relação não é unilateral, a orientação só se efetiva quando o aluno também está disposto a aprender e a fazer sua parte. Ter disciplina, discernimento e seguir as orientações propostas são aspectos fundamentais. Não se trata de ser carregado, mas de adquirir o conhecimento transmitido e, a partir dele, caminhar com as próprias pernas.

Reconhecer essa contribuição é um ato de gratidão, mas também um lembrete para os que ainda estão no percurso: aproveitem essa oportunidade, busquem seus professores, construam esse vínculo. Eles são figuras centrais na formação de cada estudante, e seu impacto vai muito além das páginas de um TCC.

Ter acesso a esses trabalhos, especialmente para aqueles que estão em processo de escrita do próprio TCC, é algo de grande relevância. Além de possibilitar um contato com diferentes abordagens e metodologias, a leitura dos agradecimentos permite compreender como se constrói uma trajetória acadêmica e quais relações foram fundamentais para a realização do trabalho. Esse contato pode servir como um incentivo para que os estudantes busquem apoio, reconheçam a importância do diálogo com professores, colegas e familiares, e percebam que o processo de escrita não precisa ser solitário.

No entanto, esse arquivo não deve ser apenas um repositório passivo de trabalhos finalizados. Os TCCs podem e devem ser incorporados de forma ativa na dinâmica das disciplinas do curso de Sociologia no IFG. São pesquisas que exploram temas diversos dentro da sociologia, política e antropologia, mas que compartilham um elemento central: muitos deles estudam nossa cidade. Esses trabalhos oferecem perspectivas sociológicas, políticas e antropológicas sobre o espaço em que vivemos, tornando-se recursos valiosos tanto para o ensino quanto para a pesquisa.

Os professores podem utilizar esses trabalhos como materiais de estudo, promovendo debates sobre as abordagens apresentadas e incentivando os alunos a se inspirarem nessas produções. Estudar um TCC não significa apenas conhecer um tema relevante, mas também analisar como um colega, dentro da mesma instituição e formação, construiu seu pensamento e argumentação. Esse processo pode estimular novas pesquisas, fomentar diferentes interpretações e abrir caminho para novas abordagens e reflexões.

Assim, os TCCs não devem ser vistos apenas como documentos arquivados para consulta ocasional, mas como peças ativas na construção do conhecimento. Valorizar esses trabalhos é reconhecer a produção acadêmica local e incentivar a continuidade desse ciclo de pesquisa e reflexão. O arquivo de TCCs tem o potencial de inspirar novas investigações, fortalecer o vínculo entre diferentes gerações de estudantes e consolidar o curso como um espaço dinâmico de produção intelectual e crítica.

A preservação e valorização desses trabalhos é primordial e isso é evidente, entretanto, vai também mais além ao seu conteúdo acadêmico, São documentos ritualísticos. São marcos de uma jornada. Os agradecimentos dos TCCs carregam em si a vivência de quem os escreveu, suas dificuldades, aprendizados e conquistas. É nesse ponto que a compreensão de um ritual de passagem se torna essencial para compreender a graduação e seu impacto na trajetória pessoal e profissional dos estudantes.

Na antropologia, os rituais são um conhecimento basilar, fundamentais para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais. Eles não estão restritos a sociedades antigas, permeiam todas as épocas e contextos, revelando estruturas simbólicas e subjetivas que organizam a experiência humana. O estudo dos rituais permite compreender como os significados são construídos, transmitidos e ressignificados dentro das sociedades, evidenciando padrões culturais e processos de transformação.

Compreender os TCCs dos colegas como parte desse ritual de passagem também permite refletir sobre a própria jornada. Ao olhar para os trabalhos anteriores, é possível

reconhecer não apenas as dificuldades superadas, mas também o impacto desse processo na construção profissional e pessoal. O rito de passagem acadêmico não se encerra com a defesa do TCC; ele movimenta mudanças, abre caminhos e transforma perspectivas. Os agradecimentos, ao reconhecer aqueles que foram essenciais na caminhada, projetam essa realização no próprio autor, reforçando o valor simbólico dessa transição e o impacto que ela tem na continuidade de sua trajetória.

O desafio para quem atravessa a liminaridade acadêmica é perceber que, embora o rito da graduação simbolize um marco, ele não define um fim. O estudante continua sendo um viajante, sua linha segue em direção ao desconhecido, e sua malha de conexões será sempre o solo onde ele encontrará apoio para seguir adiante. A cada nova jornada, reafirmamos que só podemos nos mover porque estamos ligados a algo maior do que nós mesmos.

Este trabalho representou uma travessia pessoal que marcou minha própria transição enquanto estudante em processo de formação. Ao longo dessa jornada, pude compreender como os agradecimentos nos TCCs revelam a complexa rede de relações que sustenta cada trajetória acadêmica, e ao fazer isso, me vi entrelaçado nessa mesma malha liminar que possibilita a passagem para um novo status. Oportunizar-me a esse estudo ritual foi, acima de tudo, um privilégio, pois me ajudou a refletir sobre a importância das conexões humanas na construção do conhecimento.

A Licenciatura em Ciências Sociais do IFG – Campus Anápolis é muito mais que um curso, é um espaço de encontros, desafios e transformações, que há mais de uma década forma cientistas sociais comprometidos com a reflexão crítica e a compreensão do mundo. imensamente grato por ter podido contribuir para a memória desse percurso e por ter sido atravessado por ele. Se a escrita deste trabalho simboliza um fechamento, também é um ponto de partida para as próximas linhas que ainda traçarei.

Referências

- BRETON, David Le. As paixões ordinárias. Antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHARLON, Maria de Lourdes Patrini. Os cadernos de campo de Roger Bastide. *História: Questões & Debates*, n. 53, 2010.
- DURKHEIM, Émile. As formas Elementares da Vida Religiosa. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1996.
- FARIAS, Juliana. Burocracias e violências de Estado. Analisando a trajetória documental de um caso de execução sumária. In: LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Letícia (Org.). *Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias*. Rio de Janeiro: E-papers, 2020.
- FONSECA, Claudia. Tempo, DNA e documentos na validação de vínculos familiares. In: LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Letícia (Org.). *Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias*. Rio de Janeiro: E-papers, 2020.
- FRAVET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de campo*, n13, 2005.
- GENNEP, Arnold Van. Os ritos de passagem. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- INGOLD, Tim. Linhas: uma breve história. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.
- LATOUR, Bruno. A vida de Laboratório A produção de fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. São Paulo: Presença, 2008.
- LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Letícia (Org.). *Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias*. Rio de Janeiro: E-papers, 2020.
- TURNER, Victor W. O Processo Ritual. Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.
- GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, v. 46, 2003.

NADAI, Larissa; VEIGA, Cilmar. Fazer falar os pedaços de carne: comparações entre laudos periciais em casos seriais produzidos pelo Instituto Médico-Legal (IML) de Campinas e de Juiz de Fora. In: LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Leticia (Org.). *Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias*. Rio de Janeiro: E-papers, 2020.

ONTO, Gustavo. Documentando relações e relacionando documentos: sobre a materialidade das práticas de conhecimento na regulação econômica. In: LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Leticia (Org.). *Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias*. Rio de Janeiro: E-papers, 2020.

PADOVANI, Natália Corozza. Cartas reduzidas a termo: processos de estado e trâmites do comando na gestão das relações em uma penitenciária feminina da cidade de São Paulo. In: LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Leticia (Org.). *Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias*. Rio de Janeiro: E-papers, 2020.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, v. 42, 2014.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

PRESTES, Andréia Baia. Só vale o que está escrito: uma etnografia da produção documental de uma organização indígena. In: *32ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho. Fazendo etnografia no arquivo: possibilidades e desafios. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, n. 48, 2018.

Trabalhos de Conclusão de Curso Licenciatura em Ciências Sociais IFG-campus Anápolis consultados:

AMORIM, Beatriz Silva de. *Extrapolando os retângulos: uma etnografia para além dos muros na rua Copa 14, localizada no Residencial Copacabana Em Anápolis-Go*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2023.

AMORIM, Hoanna Kesia Damas de Jesus. *Políticas públicas para cultura: Identidade profissional e impactos da Pandemia de COVID-19 para os/as trabalhadores/as do segmento artístico-cultural no município de Anápolis-GO*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis 2023.

BOAVENTURA, Dáguila da Silva. *Negritude e identidade: construções identitárias de mulheres negras em torno do cabelo em salões de beleza de Anápolis-GO*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2019.

BORGES, Camilla Gomes do Nascimento. *Gênero e identidade entre estudantes em um CEPMG de Anápolis-GO*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2018.

CARVALHO, Thiago Macedo de. *Os primeiros impactos do Novo Ensino Médio no ensino de Sociologia no município de Anápolis*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2022.

CUNHA, Gessione Alves da. *Teoria crítica Frankfurtiana, conservadorismos na educação brasileira e formação humana*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2023.

GUIMARÃES, Pedro Henrique S. *Uma análise do neoliberalismo brasileiro a partir do Instituto Mises Brasil*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2023.

JÚNIOR, Geraldo Henrique de Souza Oliveira. *De Anápolis à Brasília: a construção do patrimônio cultural de Anápolis e sua relação com a construção de Brasília*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2022.

MARQUES, Leandro Mesquita. *Heavy metal made in Anápolis, uai. Um recorte sócio-histórico (1980-1990)*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2017.

MORAIS, Ana Carolina Carvalhedo. *A volta para escola: A percepção dos sujeitos da EJA*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2021.

MOURA, Thailane Santos. *Ser e fazer-se jovem: um olhar sobre consciência política, identidade e participação no contexto escolar*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso

(Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2021.

MOURA, Vanuza Maria dos Santos. *As relações entre desempenho escolar e o perfil socioeconômico de estudantes da EJA em uma escola Estadual de Anápolis-GO*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2021.

NEGRÃO, Caio Alexandre. *Federalismo cooperativo e efetividade do direito à educação no Brasil*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2022.

OLIVEIRA, Cristiane Maria de. *A percepção das adolescentes sobre o corpo feminino: Um estudo de caso sobre as relações de gênero a partir dos conhecimentos sobre o próprio corpo*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2022.

OLIVEIRA, Loriene Soares. *Comer no Fim da vida. A escolha do alimento , a humanização da nutrição e a cozinha hospitalar do Hospital de Apoio de Brasília (HAB)*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2017.

PEREIRA, José Faria. *O Tecido Etnográfico. Antropologia, técnica e têxteis andinos das Tarabuco, Bolívia*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis 2017.

PEREIRA, Salomão Alves. *Objetividades Humanidades médicas, seu aprendizado e suas terapêuticas a partir do Problem-based learning, da medicina narrativa e da medicina paliativa em Brasília, DF*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2017.

SANTOS, Lorrany Cristina. *A sociedade goiana ontem e hoje: Permanências e rupturas com o contexto de tropas e boiadas*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2018.

SANTOS, Tamires Almeida. *Magia que resiste: um estudo sobre práticas de religiosidades contra-hegemônicas em duas casas de culto afro-brasileiro em Anápolis*. 2019. Trabalho de

Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2019.

SILVA, Janaína Taís Pereira da. *Mercado não é shopping: Uma etnografia da tradição e da resistência no Mercado Municipal Carlos de Pina em Anápolis, Goiás*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2019.

SILVA, Marília Jorge Squissato da. *Os desafios das mães estudantes no IFG/câmpus Anápolis*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2023.